

Brasil garante resistir à pressão para pagar juros

Márcio Batista



Dauster: pressão era esperada

O governo brasileiro não se mostrou surpreso com as declarações do subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, David Mulford, de que o pagamento dos juros em atraso com os bancos privados é uma condição para que o Fundo Monetário Internacional (FMI) faça um acordo com o Brasil. De acordo com fontes do governo, as declarações do subsecretário indicam que, nos momentos decisivos das negociações, ele tenderá muito mais para o lado dos bancos credores do que para o Brasil. Apesar do otimismo oficial de que se possa chegar a um acordo rápido para a dívida, as autoridades brasileiras estão preparadas para enfrentar uma batalha duríssima na mesa de negociações.

"Isso faz parte do jogo", comentou ontem a ministra Zélia Cardoso de Melo, durante um despacho com o embaixador extraordinário para a Dívida Externa, Jório Dauster, no início da tarde, quando preparavam a viagem a Washington,

marcada para sexta-feira.

As vésperas de importantes reuniões com o FMI, Banco Mundial e com os próprios credores privados, o governo brasileiro acha que é absolutamente previsível que os banqueiros tentem sensibilizar as autoridades governamentais de seus respectivos países para que pressionem o Brasil a pagar os juros atrasados. Mas essas fontes garantem que não será feito qualquer pagamento fora do contexto das negociações, ou seja, não haverá pagamento simbólico antes que se iniciem as negociações, como desejam os bancos.

Na visita que fez em julho ao Brasil, lembram as mesmas fontes, David Mulford não fez vinculação entre o pagamento dos juros atrasados e o acordo com o FMI. Nos encontros que manteve com autoridades brasileiras, mencionou apenas que estava identificando uma "grande impaciência de parte dos banqueiros em relação aos atrasos no pagamento dos juros. (A.E.)